



A inteligência artificial bate às portas das redações jornalísticas e assessorias de imprensa em Goiânia: desafios éticos, produtividade e precarização^{1 2}

Tayná Aparecida Sousa de FREITAS³

Alfredo José LOPES COSTA⁴

Raniê SOLAREVISKY de Jesus⁵

Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás – FIC/UFG

Resumo

Este trabalho analisa os impactos da inteligência artificial (IA) nas rotinas produtivas de jornalistas e assessores de imprensa em Goiânia (GO), com foco em desafios éticos, produtividade e precarização do trabalho. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, foi desenvolvida com base em entrevistas semiestruturadas com quatro profissionais da área – dois atuantes em redações e dois em assessorias de imprensa. Os resultados revelam que, embora o uso de ferramentas como ChatGPT e Gemini AI esteja amplamente disseminado, ainda não há diretrizes éticas ou normativas que orientem sua aplicação. A IA é percebida como instrumento de apoio, mas também como fator de risco à credibilidade e à qualidade do Jornalismo. Conclui-se que a tecnologia amplia a agilidade e a eficiência, mas demanda supervisão humana crítica e responsável para não comprometer o valor informativo e a função social do jornalismo.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Jornalismo. Ética. Produtividade. Precarização.

¹ Comunicação Científica apresentada no GT Pesquisa na Graduação, no III Encontro de Ensino de Jornalismo das Regiões Norte e Centro-Oeste (Erejour Norte e Centro-Oeste).

² Trabalho desenvolvido como atividade final da disciplina Jornalismo e Inteligência Artificial, ofertada pelo curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC/UFG), em 2025.

³ Estudante de Jornalismo da FIC/UFG. E-mail: tayna@discente.ufg.br.

⁴ Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO/UFMT), orientador do trabalho, professor adjunto do curso de Jornalismo da FIC/UFG e membro dos grupos de pesquisa em Comunicação e Cidade - Interfaces Interdisciplinares (Citicom/UFMT), Nodus: Mediação, Informação, Jornalismo (FIC/UFG) e em Ciberjornalismo (Ciberjour/UFMS). E-mail: alfredo.costa@ufg.br

⁵ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Póscom/UFBA), coorientador do trabalho, professor efetivo do curso de Jornalismo da FIC/UFG e coordenador do grupo Nodus: Mediação, Informação, Jornalismo (FIC/UFG). E-mail: raniesolarevisky@ufg.br.



1. Introdução

O avanço das tecnologias de inteligência artificial (IA) tem transformado profundamente o campo da Comunicação, especialmente nas práticas jornalísticas e de assessoria de imprensa. Ferramentas generativas como ChatGPT e Gemini AI vêm sendo incorporadas às rotinas produtivas, potencializando a agilidade, mas também tensionando valores éticos e redefinindo fronteiras entre autoria e automação. No contexto goianiense, observa-se a adoção crescente dessas ferramentas sem regulamentação específica.

Diferentemente de grandes grupos nacionais que instituíram políticas para o uso de IA, a realidade local revela imprevisto e ausência de diretrizes formais, o que levanta questionamentos sobre a qualidade e a credibilidade da informação produzida.

Essa lacuna normativa reforça a relevância de estudos regionais que observem o comportamento de redações e assessorias locais diante das inovações tecnológicas. Como argumenta Canavilhas (2023), compreender as transforma

Ao situar a investigação em Goiânia, busca-se revelar como a incorporação da IA em ambientes profissionais de pequeno e médio porte reflete um microcosmo dos dilemas enfrentados nacionalmente. O estudo também contribui para o debate sobre a formação do jornalista contemporâneo, especialmente no campo da ética e da responsabilidade informacional (Saad Corrêa, 2022). Desse modo, a pesquisa pretende fortalecer a compreensão crítica sobre o papel das tecnologias generativas e seus impactos na qualidade e na credibilidade do jornalismo local.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório-descritivo. Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com profissionais de comunicação atuantes na capital goiana: dois em redações jornalísticas e dois em assessorias de imprensa.



Os depoimentos foram analisados à luz da análise de conteúdo (Bardin, 2016), com categorias temáticas pré-definidas: inteligência artificial, ética, produtividade e precarização. A interpretação dialoga com autores como Beckett (2019), Diakopoulos (2019) e Canavilhas e Biolchi (2024), que discutem a relação entre automação e responsabilidade ética no jornalismo contemporâneo.

3. Resultados e Discussão

Os dados apontam que o uso de IA está consolidado nas rotinas produtivas, ainda que de forma empírica e sem respaldo institucional. Nos departamentos de assessoria, os profissionais utilizam a IA para otimizar tempo e elaborar textos de apoio, reconhecendo ganhos de produtividade, mas alertando para o risco de dependência tecnológica e perda de originalidade. Nas redações jornalísticas, a IA é usada para sugerir pautas, revisar textos e gerar conteúdos curtos.

Contudo, a falta de transparência sobre seu uso suscita dilemas éticos: nenhum entrevistado informa ao público quando utiliza a tecnologia. É dado que a IA veio para ficar, mas a Academia insta o jornalista a desenvolver habilidades críticas e criativas para lidar com as tecnologias sem comprometer sua autonomia. Autores como Beckett (2019) e Pavlik (2023) alertam que a integração acrítica da automação pode reduzir a diversidade de vozes e reforçar desigualdades informacionais.

Os resultados permitem observar uma diferença sensível entre o modo como jornalistas e assessores de imprensa lidam com a IA. Enquanto nas assessorias predomina um uso instrumental e pragmático, voltado à otimização do tempo e à entrega de produtos comunicacionais, nas redações o emprego tende a ser exploratório e intuitivo, com funções que variam entre a sugestão de pautas e a edição textual. Essa assimetria de usos reflete também as condições de trabalho distintas: assessores, geralmente vinculados a instituições públicas ou privadas, operam sob pressões de produtividade e visibilidade



institucional; já os jornalistas de redação enfrentam o imediatismo e a competitividade das plataformas digitais.

Em ambos os casos, evidencia-se a ausência de políticas de transparência sobre o uso de IA e a dependência da ética individual de cada profissional. Em trabalho anterior, Lopes Costa *et al.* (2024) destacam que a ausência de supervisão crítica pode comprometer o rigor informativo e ampliar a superficialidade dos conteúdos, principalmente quando o tempo de apuração é reduzido.

4. Considerações Finais

O estudo mostra que a inteligência artificial já é uma realidade nas práticas comunicacionais goianienses, embora sem regulamentação clara. Os entrevistados reconhecem ganhos de eficiência e produtividade, mas também manifestam preocupações com a autenticidade e a credibilidade das informações. O desafio contemporâneo do Jornalismo é equilibrar inovação tecnológica e ética profissional, garantindo que a IA seja usada como ferramenta de apoio – e não como substituta das competências humanas.

A consolidação de políticas institucionais e o fortalecimento da formação crítica e ética na graduação em Jornalismo são passos essenciais para que o uso da IA contribua positivamente para o ecossistema informativo.

No âmbito acadêmico, o estudo também reforça a importância de incluir a discussão sobre inteligência artificial no currículo das graduações em Jornalismo. Michelsohn, Miguel e Lima (2024) destacam que a alfabetização digital crítica é condição essencial para que os futuros jornalistas dominem não apenas o uso das ferramentas, mas também as suas implicações éticas e sociais. Além disso, a formação universitária deve estimular a experimentação responsável com tecnologias emergentes, em consonância com o que propõe Pavlik (2023), ao sugerir que a inovação só é sustentável quando acompanhada de reflexão ética e de práticas transparentes. Nesse sentido, pesquisas locais



como esta ajudam a mapear tendências e a subsidiar políticas públicas de fomento ao jornalismo responsável e tecnologicamente consciente.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BECKETT, C. **New Powers, New Responsibilities: A Global Survey of Journalism and Artificial Intelligence**. London School of Economics, 2019.
- CANAVILHAS, J.; BIOLCHI, B. **Inteligência Artificial e Transparência no Jornalismo**. Revista Mídia e Cotidiano, v. 18, n. 2, p. 43–64, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/62654>>. Acesso em 8 de out. 2025.
- DIAKOPOULOS, N. **Automating the News: How Algorithms Are Rewriting the Media**. Harvard University Press, 2019.
- PAVLIK, J. **Journalism in the Age of Artificial Intelligence**. Columbia Journalism Review, 2023.
- SAAD CORRÊA, E. Inteligência Artificial e o futuro do jornalismo: desafios éticos e pedagógicos. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 14, n. 1, p. 11–26, 2022.
- CANAVILHAS, J. **Jornalismo e Inteligência Artificial: dilemas éticos e possibilidades**. Lisboa: Livros Horizonte, 2023.
- LOPES COSTA, A. J.; LOURENÇO, A. V.; MENDES, I. S. Explorando a inteligência artificial no Jornalismo: reflexões a partir de casos na mídia brasileira. **Anais do ENEJOR**, Goiânia, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.abejor.org.br/?anal=explorando-a-inteligencia-artificial-no-jornalismo-reflexoes-a-partir-de-casos-na-midia-brasileira>>. Acesso em 8 out. 2025.
- MICHELSON, D.; MIGUEL, H.; LIMA, J. A. **Inteligência Artificial: o básico para jornalistas**. Projeto Comprova, 2024.